

O/W MODERNIZADO E REVISTO

Notas

Há duas fases para auditar:

1. Entrar em comm.

2. Fazer algo pelo PC.

É notório que alguns Cientologistas inquirirão profundamente o que alguém fez exatamente. Isto porque, para fazer algo por alguém, a pessoa tem que ter uma linha de comm apoiada ou possibilitada por realidade e afinidade. E quando uma pessoa é demasiado exigente, a afinidade tende a desmoronar. Assim, o auditor não quer quebrar a linha de afinidade. Por consequência, ele nunca entra na segunda fase do processamento, depois de uma linha de comm ser estabelecida, aquela em que o auditor fará algo pelo PC. O PC pode sentir-se milagrosamente melhor só por ter estabelecido uma linha de comm. Mas as duas fases são 1) como caminhar até ao autocarro e 2) seguir viagem. Se você não segue viagem, nunca chega a parte alguma.

Qualquer perturbação que o PC tenha, é de facto tão delicadamente equilibrada que, uma vez que você entrou em comunicação com o PC, é fácil fazer algo pela perturbação. Ideias malucas e doingnesses são particularmente fáceis de remover, uma vez que se baseiam numa lógica muito deslizante. Você poderia ver o caso de o sujeito se espalifar diante dos seus olhos, só por perguntar: “o que é que estás a fazer de sensato?” e “porquê é que isso é sensato?”

Uma vez que a linha de comm e disciplina de audição sejam perfeitas, você não perturba a linha de comm e pode esquadriñhar as suas aberrações com grande efeito. Uma linha de comm só é valiosa na medida em que você a pode usar para se mover no atoleiro a que ele chama de suas ideias. Se usasse o processo dado acima, a aberração despedaçava-se. Use disciplina perfeita para manter a linha de comm. Audite bem. Ponha dentro o seu ciclo de comm. Deixe completar os seus ciclos de ação. Então você pode fazer algo pelo PC. A disciplina de audição é o que torna possível fazer algo pelo PC, ao contrário de outras terapias. É de facto só para isso que ela serve. Isto leva você até à porta. [Agora tem que passar através dela]. A magia da audição é a parte difícil, é entrar em comm com o PC. Uma vez feito, fazer algo pelo PC é muito fácil, desde que as aberrações dele estejam delicadamente equilibradas. Se você não está em comm com o PC, ele apresenta-se como se fosse acusado por si. Ele justifica-se. Um PC que está em comm com o auditor não tentará justificar-se e manter o seu estado. Você pode sair de comm com um PC sem fazer nada por ele. Você perde o fator-R com a pessoa e sai de comm.

Um processo é simplesmente uma combinação de mecanismos mentais que, quando inspecionados, morrerão. Toda a audição é substrativa. Ela consiste de fazer as-is de coisas no caso. Você pode auditar demais, tentando obter mais ação de TA de um processo, quando já tinha tudo. Você pode auditar de menos, abandonando-o antes de tirar fora toda a ação de TA. Basta observar o PC. Quando fez algo pelo PC, retirou a ação de TA do processo. Se fez algo pelo PC, a ação de TA cessará e, até então, não terá parado. Não faça algo pelo PC depois de já ter feito algo por ele num processo particular ou numa área particular. Se você continuar nessa área, só irá restimular qualquer outra coisa no PC. Se for inteligente, você correrá um processo que ciclicamente tira TA fora, e termina-o ali, no fim de um ciclo. Em R-6, você desenvolve uma sensibilidade para quando um item está morto, e abandona-o. Se lho pede mais uma vez, é você que está morto. Obterá uma agulha com tiques e um PC com quebra de ARC. Nos níveis mais baixos, pode correr fora uma coisa, pode acusar-lhe muito bem a receção e continuar com o mesmo processo de tal modo que fará todo um novo ciclo secundário, dentro do ciclo principal do processo. Os auditores que não conseguem

fazer isto têm que correr montes de processos diferentes. Mas eles poderiam tirar muito mais de um processo, se fossem peritos em dirigir atenção.

Você não necessariamente mudará o processo quando o PC cognitou, se for um processo geral aplicável a muitas áreas. Tire fora a cognição de uma área, depois encontre outra área. Você não tem que mudar o processo. Você poderá apenas mudar o assunto do processo. Se usar esta aproximação, terá sempre que perguntar, “fiz algo pelo Pc?” Se notar que as respostas do PC são astuciosas, reconheça que a linha de comm não está estabelecida.

Alguns processos como: “o que é que me poderias dizer?/O que é que preferias não me dizer?” fazem duas coisas duma vez: entram em comm e fazem algo pelo Pc, por exemplo, tirando as contenções.

Tudo isto é um prelúdio do O/W, porque o O/W é o maior destruidor da linha de comm com que um auditor tem que lidar. Correr Contenções é peculiar na medida em que pode introduzir numa linha de comm, mas é evitado por medo de demolir uma linha de comm. Pode tornar-se confuso quando o mesmo processo que introduz uma linha de comm para o Pc, também faz algo pelo Pc. Isto tende a provocar uma confusão na qual, a diferença entre introduzir numa linha de comm e fazer algo pelo Pc, se perde. O O/W é sénior do banco. Isso não significa que quando o banco se foi, ainda haja O/Ws. Significa que o O/W faz key-out do banco. Corretamente manejado, introduz a linha de comm. Mas se o auditor permite que o Pc se sente ali na sessão com contenções, em vez de proteger a sua linha de comm como é sua intenção, acaba por destruir essa linha de comm, falhando a contenção e deixando o PC quebrar o ARC.

Outra coisa que torna o O/W arriscado é que a palavra, “Contenção” se encontra no banco. Além disso, “contenção” é um processo de fora-de-ARC e não pode ser corrido por si só. “Feito”, afortunadamente, não aparece no banco, assim você pode correr “Feito/Não feito”. Porém, o denominador comum do banco é “Feito”. “Feito” é um elo de ordem elevada em todas as formas de reatividade. “Feito a” é outra parte do banco, a menos que o auditor use um nome específico com ele, que não está no banco. [Veja uso de nomes em processos].

Um PTP pode ser criado por um fracasso em completar um ciclo de comm. Um método de manejar PTPs seria perguntar ao Pc no início da sessão, “Há algumas comunicações que deixaste incompletas?” O PC então sacudiria fora várias, e não registaria mais em PTPs. A razão por que ele não completou a comunicação tem a ver com os overts dele contra aquilo com que tem o PTP. Você nunca tem um PTP com algo contra o que não tem qualquer overt. Assim, primeiro um PTP é baseado em ou está ligado a um ciclo de comm incompleto, depois a um ato. Isto segue o padrão do que fazer em audição. Esse é o modo como o banco se empilha. Até mesmo uma doença psicossomática é baseada numa comunicação incompleta. In extremis, você pode manejar uma doença psicossomática como um PTP. Você pode manejá-la sem risco, com: “que comunicação para ou sobre a doença é que não entregaste?” Ou você pode perguntar: “Que comm é que não completaste com o *fulano de tal*?” O ciclo mais arriscado é o “feito”. E note que tem o mesmo exato ciclo que o do auditor para o PC: estabeleça comm, depois faça algo. A severidade da doença não tem nada a ver com a velocidade da sua libertação ou dificuldade de manejo. O “que comunicação não foi completada?” é fácil. Não requer nada a sua disciplina de audição, mas é “dá-lhe-uma-e-promete-lhe-outra”. O “feito” precisa mais habilidade, conhecimento e perseverança.

O palavreado da sessão poderia ser assim:

Auditor: PTP?

PC: Sim.

Auditor: Alguma comm que não completaste?

PC: blá blá.

Se o PTP foi embora, então não há qualquer necessidade de continuar.

Se o PTP não foi embora, então tire os overts do PC. Há dezassete modos de tirar séries de overts. Há:

Overts em cadeias.

Contenções recorrentes.

Overts recorrentes.

Básico-básico de algo. Etc., etc.

Você tem que fazer as devidas perguntas para obter os overts. Suponha que o PC continua a dar o mesmo (frequentemente menor) overt? Ele faz parte de uma cadeia. Você precisa de fazer a pergunta certa e auditá-la por cadeias. Também deve estar preparado para não encontrar qualquer overt no fundo da cadeia.

Mas o Homem é basicamente bom, apesar do banco reativo. O banco só existe para fazer um homem cometer overts, o que é contra a sua melhor natureza. O banco é a armadilha perfeita porque, tendo cometido overts, o indivíduo não continuará a comunicar.

Você não quer falar às pessoas que prejudicou. Você contém-se para evitar overts adicionais. Esse é o pensamento fundamental do Homem, antes de ir tão para baixo na escala que dramatiza obsessivamente.

“O que é que fizeste?” tem dois ramos:

1. O que é que fizeste de socialmente repreensível e te impede de comunicar com outros?
2. Acabaste de fazer alguma coisa?

Ambos são válidos. Mas vigie o Pc usando o processo de procurar uma explicação para o que lhe aconteceu a ele. Este PC dará respostas hipotéticas que você não quer. Ele inventará coisas que não fez para se ver livre das consequências que está a experimentar. Está a tentar encontrar um overt suficientemente bom para explicar o que está a acontecer na sua vida. Ele irá frequentemente longe na banda passada para o encontrar. Guie este PC de volta aonde pertence. Tudo o que queremos é o que ele esteja absolutamente certo do que fez, assim que você tem que ter certeza de que ele está certo que fez a coisa. Se o auditor está a perguntar A e o PC está a fazer B, o fator de comunicação está fora e assim o auditor não fará algo pelo Pc. Você poderia perguntar, “O que é que tens a certeza que fizeste?”

É provável que o O/W seja a maior área de recuperação do Pc, contanto que o auditor não seja muito mole e guie o PC. Você tem que observar o PC quando pensa que não foi um overt. Se o sujeito lhe dá algo que fez como um overt, mas obviamente não sente que foi um overt, então tem que perguntar, “Porque é que isto não foi um overt?”, e obter itsa. Depois poderia perguntar, “afinal de contas, isto foi realmente um overt?” Neste momento, você poderia obter o glee da insanidade. Poderia então ter uma grande preocupação com isto, com ação de TA. Por fim, ele perceberá que foi um overt. Enquanto isso, você vai elevando o nível de causa do PC. Você poderia entrar em “feito” em numerosas outras categorias. Você pode porém falhar ao tentar dirigir alguém nestes campos.

fim